



GT 30. Drogas, saberes e direitos

Coordenador(es):

Beatriz Caiuby Labate (CIIS)

Frederico Policarpo de Mendonça Filho (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Sandra Lucia Goulart (Faculdade Cásper Líbero)

Sessão 2

Debatedor/a: Martinho Braga Batista e Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O GT visa refletir sobre as representações e práticas acerca dos usos de substâncias psicoativas e discutir instrumentos teóricos e metodológicos que permitam compreender seus efeitos sociais e políticos, bem como os controles que as cercam. Contempla a multiplicidade de discursos e práticas que coexiste em torno dessas substâncias, como a própria definição como “drogas” ou “medicamentos”. Tanto as estratégias de controle sobre as experiências de uso, como aquelas mobilizadas para garantir esse consumo são consideradas em suas singularidades, isto é, a partir de sua própria constituição. O ponto de partida é problematizar o paradigma “médico-legal” em que se baseiam as políticas de drogas estatais. Ao mesmo tempo, busca-se superar a dicotomia “efeitos farmacológicos” versus “aspectos culturais”, promovendo o diálogo entre diferentes campos de conhecimentos, de modo a se pensar o tema a partir de uma perspectiva mais integrada. Para tanto, o GT comporta: 1) etnografias sobre usos de substâncias, sejam elas classificadas como “drogas”, “plantas” ou “medicamentos”; 2) análise de políticas de drogas e das instituições que atualizam regimes de controle e regulação, nos campos da justiça, saúde, religião, ciência, sociedade civil e seus entrecruzamentos; 3) pesquisas que exploram a fluidez de fronteiras entre lícito e ilícito; natural e artificial; social/terapêutico/ritual; endógeno e exógeno; tratamento/prevenção/aprimoramento; proibição/liberação/legalização.

A beleza de um cavalo: anabolizantes de uso veterinário, comportamento e geração por atletas de fisiculturismo.

Autoria: Gabriel Salgado Ribeiro de Sá (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Discute-se a experimentação humana, para fins estéticos, de duas classes de andrógenos (anabolizantes) normalmente utilizados para fins veterinários: Acetato de Trembolona e Undecilenato de Boldenona. Através de diálogos com atletas de fisiculturismo, são priorizadas as relações entre o corpo permeável e o ambiente, de modo que as distinções entre substância material e experiência imaterial se tornam borradas. Por este ângulo, analisaremos o ponto de vista dos atores frente a sua experimentação, de tal modo que as substâncias ganhem papel determinante tanto na construção de si próprio (biologicamente) quanto culturalmente (sua identidade). Analisaremos como essas pessoas vivenciam o uso de substâncias, no qual, as consequências podem ser permanentes ou não: desde a mudança da estrutura facial, quanto ao estabelecimento de uma masculinidade descrita como de agressividade, impulsividade, de ansiedade e depressão. Metodologicamente seguiremos uma etnografia Person-centered onde analisaremos as trajetórias de experimentações farmacológicas de atores selecionados, observando o impacto do uso de substâncias consideradas pelos próprios como neurotóxicas e como acarretam modos de conduta desviantes. Verificaremos o impacto desta construção do próprio físico, da masculinidade, e nas relações familiares que podem ser afetadas em maior ou menor grau pela utilização. Por fim, de modo secundário a este primeiro



debate analisaremos um tipo particular de medo geracional: se as substâncias acarretam mudanças biológicas, seriam passíveis de serem perpassadas epigeneticamente? Quais seriam as possíveis consequências pelo ponto de vista dos próprios? Reflexiona-se então a maneira pela qual o conhecimento epigenético está se tornando um fenômeno social e seus possíveis impactos para o consumo de drogas, de modo que os malefícios do uso de substâncias tóxicas começam a ser imaginados geracionalmente.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: